

«Tão servos são os homens dos costumes, e tão propensos
A reverenciar o que é antigo, podendo alegar
Um percurso de longa observância do seu uso,
Que até a servidão, o pior dos males,
Porque transmitida de pai para filho,
É mantida e defendida como algo sagrado.
Mas fará sentido ou poderá suportar o choque
Da discussão racional, que um homem
Composto e constituído, como os outros homens,
Por elementos tumultuosos, nos quais a luxúria
E a loucura em ampla e igual medida se encontram,
Como no seio do escravo que ele domina,
Seja um déspota absoluto, vangloriando-se
De ser o único homem livre da sua terra?»

COWPER

Prefácio do editor

(Da primeira edição original)

Quando o editor iniciou a preparação da narrativa seguinte, não imaginava que a mesma atingiria a dimensão deste volume. Todavia, de modo a apresentar todos os factos que lhe foram comunicados, afigurou-se necessário alargá-lo até à sua presente extensão.

Muitas das afirmações presentes nas páginas deste livro são corroboradas por abundantes evidências — outras assentam inteiramente nas declarações de Solomon. O editor, que teve a oportunidade de detetar qualquer contradição ou discrepância nas suas afirmações, acredita plenamente que ele respeitou a verdade. Solomon repetiu várias vezes a mesma história sem se desviar no mais pequeno pormenor, tendo também examinado com todo o cuidado o manuscrito, ordenando alguma alteração sempre que encontrou a mais trivial discrepância.

Durante o seu cativeiro, Solomon teve por sorte ser propriedade de vários senhores. O tratamento que recebeu em Pine Woods revela que entre os escravagistas existem homens capazes tanto de humanidade como de crueldade. Alguns deles são mencionados com gratidão — outros com amargura. Acredita-se que a descrição seguinte da sua experiência em Bayou Boeuf apresenta uma imagem correta da escravatura em todas as suas luzes, e sombras, como atualmente existe nessa localidade. Não influenciado, assim

o considera, por quaisquer pressupostos ou preconceitos, o único objetivo do editor foi o de apresentar uma história fiel da vida de Solomon Northup, como a ouviu dos seus lábios.

O editor pensa ter concretizado esse objetivo, não obstante as numerosas falhas de estilo e de expressão que possam ser encontradas.

DAVID WILSON
WHITEHALL, Nova Iorque, maio, 1853

Capítulo I

Tendo nascido um homem livre, e durante mais de trinta anos conhecido as bênçãos da liberdade num estado livre, e, passado esse tempo, tendo sido raptado e vendido como escravo, condição na qual permaneci até felizmente ser resgatado no mês de janeiro de 1853, após uma servidão de doze anos — foi-me sugerido que um relato da minha vida e sorte não seria desinteressante para o público.

Desde que a liberdade me foi devolvida, não tenho deixado de me aperceber do crescente interesse em todos os estados setentrionais pela questão da escravatura. Obras de ficção que afirmam retratar a essência da mesma nos seus aspetos mais agradáveis, mas também nos mais repugnantes, têm conhecido uma circulação sem precedentes e, tanto quanto sei, criaram um fértil tópico de discussão e comentário.

Apenas posso falar da escravatura na medida em que me foi dado observá-la — na medida em que a conheci e experienciei na minha própria pessoa. O meu objetivo é o de apresentar os factos de um modo verídico e sincero, o de repetir a história da minha vida, sem exageros, cabendo aos outros determinar se até mesmo as páginas de ficção apresentam uma imagem de uma injustiça mais cruel ou de uma servidão mais severa.

Tanto quanto me foi possível apurar, os meus antepassados pelo lado paterno eram escravos em Rhode Island. Pertenciam a uma família de nome Northup, sendo que um deles, ao mudar-se para o estado de Nova Iorque, se estabeleceu em Hoosic, na comarca de Rensselaer. Levou com ele Mintus Northup, o meu pai. Por ocasião da morte do cavalheiro em questão, que deverá ter ocorrido há cerca de cinquenta anos, o meu pai tornou-se livre, tendo sido alforriado segundo instruções nesse sentido deixadas no testamento do referido cavalheiro.

Henry B. Northup, de Sandy Hill, um importante advogado e o homem a quem, graças à Providência, devo a minha liberdade e o regresso à companhia da minha esposa e dos meus filhos, é um parente da família à qual os meus antepassados prestavam serviço, e da qual assumiram o nome que uso. A este facto poderá ser atribuído o persistente interesse que ele por mim demonstrou.

Algun tempo após a sua libertação, o meu pai mudou-se para Minerva, comarca de Essex, Nova Iorque, onde eu nasci no mês de julho de 1808. Não tenho como apurar de forma precisa quanto tempo terá ele permanecido nesse local. De lá, seguiu para Granville, comarca de Washington, perto de um lugar conhecido como Slyborough, onde, durante alguns anos, trabalhou na quinta de Clark Northup, também ele parente do antigo senhor do meu pai; daí, mudou-se para a quinta Alden, em Moss Street, pouca distância a norte da vila de Sandy Hill; e de lá para a quinta hoje propriedade de Russel Pratt, situada na estrada entre Fort Edward e Argyle, onde continuou a residir até à sua morte, que ocorreu a 22 de novembro de 1829. Aquele último cavalheiro ainda vive na comarca de Oswego, perto da cidade do mesmo nome; a minha mãe morreu durante o período do meu cativeiro.

Ainda que nascido escravo, e trabalhando nas lamentáveis condições às quais a minha desgraçada raça se encontra sujeita, o meu pai era um homem respeitado pela sua diligência e integridade, como muitos que ainda vivem e que bem o recordam estão prontos a atestar. Toda a sua vida foi passada na pacífica ocupação da agricultura, nunca procurando emprego nessas atividades inferiores

que parecem destinadas aos filhos de África. Além de nos dar uma educação superior à comumente proporcionada às crianças da nossa condição, adquiriu, por sua diligência e economia, qualificação proprietária suficiente para ter o direito de voto. Tinha por costume falar-nos da sua vida inicial e, ainda que sempre demonstrando a mais calorosa bondade, e até afeto, para com a família em cuja casa fora um cativo, entendia não obstante o sistema da escravatura e cismava com mágoa na degradação da sua raça. Fazia por inculcar na nossa mente sentimentos de moralidade, e por nos ensinar a depositar a nossa confiança n'Aquele que respeita tanto a mais humilde como a mais nobre criatura. Quantas vezes desde então me lembrei dos seus conselhos paternais — deitado numa choupana de escravos nas regiões distantes e enfermças da Luisiana, sofrendo com as feridas imerecidas que um senhor desumano me infligira — e ansiando apenas que o tûmulo que a ele o cobrira me protegesse de igual forma do chicote do opressor. No cemitério de Sandy Hill, uma humilde pedra assinala o local onde ele repousa, após ter dignamente executado os deveres próprios da humilde esfera na qual Deus lhe destinara caminhar.

Até então, eu estivera sobretudo ocupado nos trabalhos da quinta com o meu pai. As horas de lazer que me eram permitidas eram geralmente dedicadas aos livros ou à rabeca — uma diversão que foi a paixão dominante da minha juventude. Tem sido também uma fonte de consolo desde então, proporcionando prazer às criaturas simples às quais a sorte me juntou, e impedindo-me muitas vezes de pensar no meu doloroso destino.

No dia de Natal de 1829, casei-me com Anne Hampton, uma rapariga de cor que então vivia perto de nossa casa. A cerimónia foi realizada em Fort Edward, por Timothy Eddy, magistrado dessa cidade e ainda hoje um destacado cidadão local. Ela residira durante muito tempo em Sandy Hill, com Mr. Baird, proprietário da Eagle Tavern, e também com a família do reverendo Alexander Proudfit, de Salem. Este cavalheiro presidira durante muitos anos à comunidade presbiteriana daquele último lugar, e era muito conhecido pela sua erudição e religiosidade. Anne ainda guarda uma

grata lembrança da extrema bondade e dos excelentes conselhos desse bom homem. Ela não tem como determinar com precisão a sua ascendência, mas o sangue de três raças mistura-se nas suas veias. É difícil dizer qual a predominante, se a vermelha, a branca ou a negra. Todavia, a união destas três na sua origem concedeu-lhe uma expressão singular mas agradável, ainda que ela não possa ser propriamente considerada uma mestiça, uma classe à qual, esqueci-me de referir, a minha mãe pertencia.

Eu acabara de ultrapassar o período da minha menoridade, tendo atingido os dezoito anos no anterior mês de julho. Privado do conselho e da assistência do meu pai, e com uma mulher que dependia de mim para o seu sustento, decidi iniciar-me numa vida de negócios e, não obstante o obstáculo da cor, bem como a consciência do meu estatuto inferior, entreguei-me a doces sonhos de bons tempos vindouros, em que a posse de uma casa humilde, com algum terreno em volta, recompensaria os meus esforços e trar-me-ia a felicidade e o conforto.

Desde o meu casamento e até ao dia de hoje, o meu amor pela minha mulher tem sido sincero e inabalável, e apenas aqueles que já conheceram a ternura que um pai nutre pelos seus filhos poderão apreciar o afeto que sinto por aqueles com que desde então fomos abençoados. Considero necessário e apropriado referir estes factos, para que quem lê estas páginas possa entender a intensidade do sofrimento que tive de suportar.

Imediatamente após o nosso casamento, começámos a cuidar da nossa casa, no velho edifício amarelo na altura situado no extremo sul da vila de Fort Edward, desde então transformado numa moderna mansão, ocupada recentemente pelo capitão Lathrop. É conhecido como Fort House. Neste mesmo edifício tinha por vezes lugar o tribunal, após a organização da comarca. Foi também ocupado por Burgoyne em 1777, uma vez que se situava perto do velho Forte na margem esquerda do rio Hudson.

Durante o inverno, trabalhei com outros na reparação do Champlain Canal, no troço do qual William Van Nortwick era superintendente. David McEachron tinha a seu cargo os homens

com os quais eu trabalhava. Quando o canal foi inaugurado, na primavera, consegui comprar uma parelha de cavalos com o que poupara dos meus ganhos, bem como outras coisas necessárias para o negócio da navegação.

Tendo contratado vários homens eficientes para me ajudar, firmei contratos para o transporte de grandes balsas de madeira entre Lake Champlain e Troy. Dyer Beckwith e um certo Mr. Bartemy, de Whitehall, acompanharam-me em diversas viagens. Durante a temporada, familiarizei-me com a arte e os mistérios da condução de balsas — um conhecimento que depois me permitiu prestar proveitosos serviços a um honrado senhor e surpreender os néscios madeireiros nas margens do Bayou Boeuf.

Numa das minhas viagens a Lake Champlain, fui levado a fazer uma visita ao Canadá. Dirigindo-me a Montreal, visitei a catedral e outros locais de interesse dessa cidade, de onde prossegui para Kingston e outras cidades, adquirindo um conhecimento de localidades que também me viria a ser útil, como se verá perto da conclusão desta narrativa.

Tendo acabado os meus contratos no canal de forma satisfatória, tanto para mim como para o meu cliente, e não querendo ficar ocioso num momento em que a navegação do canal se encontrava de novo suspensa, encetei novo contrato com Medad Gunn, para cortar uma grande quantidade de madeira durante o inverno de 1831-32.

Com o regresso da primavera, Anne e eu pensámos em arrendar uma quinta nas redondezas. Eu estava acostumado aos trabalhos agrícolas desde os primeiros anos da minha juventude, sendo os mesmos do meu agrado. Assim, negocieei uma parte da antiga quinta Alden, na qual o meu pai antes vivera. Com uma vaca, uma porca, uma bela parelha de bois que entretanto comprara a Lewis Brown, em Hartford, e outros artigos e bens pessoais, partimos para a nossa nova casa em Kingsbury. Plantei nesse ano dez hectares de milho, semeei grandes campos de aveia, e iniciei uma exploração agrícola tão vasta quanto os meus meios me permitiam. Anne era diligente nas lides domésticas, enquanto eu me esforçava laboriosamente no campo.

Continuámos a viver naquele local até 1834. Durante o inverno, eu recebia muitos pedidos para tocar a rabeca. Onde quer que os mais novos se reunissem para dançar, eu encontrava-me invariavelmente lá. A minha rabeca era famosa nas aldeias circundantes. Durante a sua longa residência na Eagle Tavern, Anne tornara-se igualmente bastante famosa como cozinheira. Nas semanas de tribunal, e em ocasiões públicas, ela trabalhava por bom dinheiro na cozinha da Sherrill's Coffee House.

Depois destes serviços, regressávamos sempre a casa com dinheiro no bolso, de modo que, com a rabeca, a cozinha e a lavoura, não demorámos a juntar um bom pecúlio e, na realidade, a viver uma vida próspera e feliz. Bem faríamos se tivéssemos ficado na quinta em Kingsbury, mas chegou a ocasião em que seria dado o próximo passo rumo ao cruel destino que me aguardava.

Em março de 1834 mudámo-nos para Saratoga Springs. Ocupámos uma casa pertencente a Daniel O'Brien, no lado norte da Washington Street. Na altura, ele tinha uma grande hospedaria, conhecida como Washington Hall, no extremo norte da Broadway. Deu-me emprego como condutor de uma tipoia de aluguer, com a qual trabalhei para ele durante dois anos. Depois deste período, encontrava geralmente trabalho durante a época alta, assim como a minha mulher, no United States Hotel e noutros estabelecimentos locais. Contava com a minha rabeca durante o inverno, ainda que tenha conhecido muitos dias de trabalho árduo durante a construção do caminho de ferro de Troy e Saratoga.

Em Saratoga, costumava comprar os artigos necessários para a minha família nas lojas de Mr. Cephas Parker e Mr. William Perry, cavalheiros pelos quais, devido a muitos atos de bondade, eu tinha uma grande estima. Foi por este motivo que doze anos depois lhes dirigi a carta, mais adiante aqui inserida, que nas mãos de Mr. Northup viria a tornar possível a minha afortunada libertação.

Enquanto vivi no United States Hotel, cruzei-me muitas vezes com escravos que acompanhavam os seus senhores sulistas. Estavam sempre bem vestidos e bem alimentados, levando uma vida aparentemente fácil e sem grandes preocupações. Era frequente falarem

comigo sobre o tema da escravatura. Descobri que quase todos alimentavam um secreto desejo de liberdade. Alguns revelavam uma grande vontade de fugir, e perguntavam-me qual a melhor forma de o conseguir. Todavia, o medo do castigo, que eles sabiam estar garantido caso fossem apanhados, sempre se revelou suficiente para os impedir de tentar. Tendo toda a vida respirado o ar livre do Norte, e sabendo que possuía os mesmos sentimentos e afetos de um homem branco, e, além disso, que tinha uma inteligência equivalente à de alguns homens de pele mais clara, eu era demasiado ignorante, talvez demasiado independente, para entender como alguém poderia contentar-se em viver na abjeta condição de escravo. Não entendia a justiça dessa lei, ou dessa religião, que encoraja ou reconhece o princípio da escravatura, e tenho orgulho em afirmar que nunca deixei de aconselhar qualquer um que me procurasse a esperar pela sua oportunidade e tentar fugir.

Continuei a viver em Saratoga até à primavera de 1841. As promissoras expectativas que, sete anos antes, nos haviam levado a deixar a nossa tranquila quinta na margem oriental do Hudson não se tinham concretizado. Ainda que sempre numa situação confortável, não tínhamos prosperado. O modo de vida daquele local famoso não fora concebido para conservar os hábitos simples de trabalho e economia aos quais eu estava acostumado, fazendo, pelo contrário, por substituí-los por outros, de indolência e extravagância.

Tínhamos então três filhos — Elizabeth, Margaret e Alonzo. Elizabeth, a mais velha, tinha dez anos; Margaret era dois anos mais nova, e o pequeno Alonzo acabara de completar cinco anos. As suas vozes jovens eram música para os meus ouvidos. Muitos castelos construí no ar com a mãe deles para aqueles pequenos inocentes. Quando não me encontrava a trabalhar, passeava com eles, vestidos com as suas melhores roupas, pelas ruas e alamedas de Saratoga. A sua presença era um prazer para mim, e apertava-os contra o meu peito com tanto amor como se a sua pele escura fosse tão branca como a neve.

Até aqui, a história da minha vida não apresenta nada de invulgar — nada senão as esperanças, paixões e trabalhos comuns de um

anónimo homem de cor, na sua humilde passagem por este mundo. Mas eu chegara a um ponto de viragem na minha vida — a um limiar de indescritível injustiça, mágoa e desespero. Tinha-me aproximado da sombra da nuvem, da densa escuridão na qual em breve iria desaparecer, a partir daí oculto dos olhos de todos os meus parentes, e durante muitos anos arredado da doce luz da liberdade.